

A batalha da Sudene

Rosa Freire d’Aguiar Furtado

No dia 17 de fevereiro de 1959, no salão do Palácio do Catete, parlamentares, ministros, governadores do Nordeste e dom Helder Câmara, sentaram-se em torno de uma grande mesa tendo, um em cada cabeceira, o presidente Juscelino Kubitschek e Celso Furtado. Era o lançamento da Operação Nordeste, a nova política que o governo implantaria na “região problema” onde a seca, no ano anterior, deixara meio milhão de flagelados. Para JK, a Meta 31, como então foi chamada a Operação, chegava tarde mas demonstrava que ele tinha enfim um plano para o Nordeste, tratado até então, se comparado com a acelerada construção de Brasília e o *boom* industrial do Centro-Sul, como o filho enjeitado. Para Celso, era o ponto de chegada do percurso iniciado em setembro de 1958: a volta ao Brasil, o desligamento da Cepal, a diretoria do BNDE, o encontro com JK no palácio Rio Negro, o trabalho, feito em tempo recorde, sobre o Nordeste. O ponto de chegada logo se transformaria em ponto de partida de uma fecunda trajetória, levando-o a concretizar a ideia acariciada por muitos anos “de um dia contribuir de forma decisiva para mudar o Nordeste”.¹ Na cerimônia do Catete, o presidente também assinou mensagem ao Congresso encaminhando projeto de lei para a criação da nova agência, a Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste, e um decreto instituindo o Conselho de Desenvolvimento do Nordeste, que, com sede no Recife, implantaria a nova política enquanto a lei não fosse aprovada. À frente dos dois órgãos executivos — o Codeno, até fins de

1. *A fantasia desfeita*, 1989, arquivo virtual. É nesse segundo livro de memórias que Celso Furtado conta os anos passados no Nordeste de 1958 a 1964. Cf. *Obra autobiográfica de Celso Furtado*, tomo 2, São Paulo, Paz e Terra, 1997.

1959, e em seguida a Sudene, até o golpe militar de março de 1964 —, Celso Furtado.

Os recortes de imprensa indicam que a Operação Nordeste foi recebida por alguns políticos nordestinos com incredulidade, suspeição ou mesmo manobra contra a candidatura de Jânio Quadros. Outros acharam a solução mais acertada, pois o presidente lançava um plano de salvação regional sem descer a reivindicações locais:

A verdade é que ninguém sabe até onde se prolongariam as discussões, caso o presidente não se houvesse antecipado aos governadores. A própria amostra da reunião do Catete, onde após Cid Sampaio falar em nome de todos os governadores, por delegação, o chorrilho de bilhetinhos de deputados começou a pressionar a eloquência de seus governantes, provocando um rosário de reivindicações locais, justificou de certo modo o tom paternalista da reunião.²

Tratava-se de um esforço de coordenação, de um ataque global ao problema para evitar que verbas e interesses muito particulares continuassem a se perder em terreno movediço. É o que se depreende dos textos de Celso aqui reunidos. No discurso que fez no Catete, ele resumiu o documento que fora distribuído aos presentes. Chamado na época de Relatório Celso Furtado, trazia o título de *Uma política de desenvolvimento econômico para o Nordeste*. Também ficou conhecido como Estudo do GTDN, embora a autoria fosse de Celso, e não dos técnicos que desde 1956 formavam o Grupo de Trabalho do Desenvolvimento do Nordeste, dirigido por Aluísio Campos. Conforme suas palavras:

O texto fora concebido e redigido por mim. Não houve tempo sequer para submetê-lo a leitura crítica de outras pessoas. Os estudos setoriais em que se aplicavam os técnicos do GTDN ainda estavam em gestão e se afastavam da ótica macroeconômica que eu adotara. Mas evitei assiná-lo ou encaminhá-lo ao presidente da República com texto oficial introdutório assinado por mim. [...] Essa tática de apresentação foi providencial para sua sobrevivência quando caíram sobre nós os dias sombrios da ditadura

2. “Nordeste: meta 31”, *Visão*, 27 fev. 1959.

militar, que me cassou os direitos e tornou “suspeito” tudo que contivesse o meu nome. Com efeito, ele pôde continuar a ser utilizado e citado, atribuindo-se a autoria ao GTDN, grupo incolor que praticamente deixou de existir quando recebi a missão de preparar o referido documento, texto básico da Operação Nordeste. Desligado do nome de seu autor, pôde ele continuar a exercer sua função de desvelador da realidade nordestina, enterrando as falácias que secularmente serviram para justificar a utilização de dinheiro público na perpetuação de estruturas anacrônicas e antissociais.³

Uma política de desenvolvimento econômico para o Nordeste é um texto de conteúdo técnico. Uma visão mais política e enxuta da mesma problemática que ocupava Celso ao assumir o comando da Operação Nordeste está na conferência homônima que pronunciou em junho de 1959 no Instituto Superior de Estudos Brasileiros (Iseb), a convite de seu diretor, Roland Corbisier. Num e noutro textos, o drama nordestino: 20 milhões de pessoas vivendo na mais grave “área problema” do hemisfério ocidental, com uma renda média que não chegava a 1/3 da renda do Centro-Sul; imensa disparidade entre população rural e urbana; meio milhão de desempregados nas cidades; secas periódicas que atingiam mais de 4/5 do território. Por trás da frieza dos dados, o quadro de injustiça e iniqüidade. Os dois trabalhos, hoje considerados seminais pelos que estudam a história do país na segunda metade do século XX, e o Nordeste em particular, estão publicados na íntegra neste número que comemora, com documentos dos arquivos de Celso Furtado, os cinquenta anos da saga sudeniana.

A ela e ao Nordeste, Celso dedicou intensa e permanente reflexão, até o final da vida. No discurso de posse na Sudene, em 8 de janeiro de 1960, salientava a originalidade do órgão que criava novos espaços para o entendimento das forças políticas, novas formas de interferir no campo econômico, e nova concepção da ação administrativa. Num artigo de 1962 para uma revista do Ministério da Guerra, era em tom sóbrio que afirmava que em menos de três anos a Sudene permitira ao Nordeste recuperar posição de liderança nos investi-

3. Celso Furtado, *A fantasia desfeita*, arquivo digital.

mentos industriais. Em 1979, no artigo encomendado pelo jornal francês *Le Monde* para relembrar os quinze anos do regime militar no Brasil, o tom era político ao expor o desvirtuamento da Sudene, rebaixada a mera repartição ministerial, e a supressão dos governadores eleitos, pondo fim ao “instante privilegiado” em que a população “fortalecia os laços da política com os problemas de sua região”.

Em meados de 1960 o professor Albert O. Hirschman, da Columbia University, fez um giro pela América Latina entrevistando políticos, sindicalistas, intelectuais para estudos que resultaram no livro *Journeys toward progress*.⁴ Focalizou três temas em três países: o subdesenvolvimento do Nordeste brasileiro, a reforma agrária na Colômbia, a inflação no Chile. Fez uma longa entrevista com Celso, que acabava de enviar ao Congresso o primeiro plano diretor da Sudene. Dedicou-lhe o livro, bem como ao colombiano Carlos Lleras Restrepo, promotor da reforma agrária em seu país.

Meses antes, Celso fizera uma resenha de seu livro *The strategy of economic development*. Elogiava a obra mas terminava num tom agastado:

Grande parte do que está dito no livro já foi dito e repetido por economistas latino-americanos. Em particular, a análise dos problemas do desequilíbrio externo e a da inflação são para nós extremamente familiares, sem por isso serem menos interessantes. Entretanto, o autor quase não cita a bibliografia latino-americana, e, em particular, as contribuições da Cepal. Como essa bibliografia é muito bem conhecida de Hirschman, que abriu os olhos para os problemas do subdesenvolvimento na América Latina, cabe deduzir que existe o propósito de ignorar a contribuição do órgão que atuou como autêntico pioneiro no campo dos estudos do subdesenvolvimento e, especialmente, na análise e interpretação das economias latino-americanas.⁵

A resenha repercutiu na forma como Hirschman falaria a partir de então sobre certas correntes intelectuais, como explica o sociólogo

4. *Journeys toward progress: studies of economic policy-making in Latin America*, de Albert O. Hirschman, 1963, Nova York, The Twentieth Century Fund.

5. Celso Furtado, resenha do livro *The strategy of economic development*, Notas bibliográficas, *Economia Brasileira*, v. 5, n. 1 e 2, jul.-dez. 1959.

go mexicano Carlos Mallorquín, autor de um livro sobre Celso⁶ e estudioso da obra do economista americano:

Sem a menor dúvida isso causou importante mudança na avaliação e no reconhecimento de Hirschman, para dizer o mínimo, quanto ao debate sobre a presença de “teorias indígenas”. [...] O vocabulário do “estruturalismo” assume um lugar e uma referência muito mais proeminente [...]. A partir de então, por exemplo no livro *Journeys toward progress* (1963), mais de quatro anos depois de seu livro clássico *The strategy* (1958), Hirschman nunca perdeu a oportunidade de lembrar a perspectiva estruturalista. Na verdade *Journeys towards progress* é dedicado a um de seus fundadores: Celso Furtado.⁷

Pesquisando sobre Hirschman, Mallorquín e a cientista política Geisa Maria Rocha, do Departamento de Espanhol e Português e do Programa de Estudos Latino-Americanos da Universidade de Rutgers, souberam que nos arquivos do economista estavam as notas manuscritas da entrevista feita com Celso Furtado. A professora fotocopiou as dezesseis páginas manuscritas e obteve a autorização para sua publicação exclusiva por *Arquivos Celso Furtado*.

Outro documento publicado neste número é o depoimento que o sociólogo e economista Francisco de Oliveira, ex-superintendente adjunto da Sudene até o golpe militar, prestou à Comissão Parlamentar de Inquérito sobre a Sudene, instaurada em 1978. O belo texto transpira o entusiasmo do punhado de jovens que acreditou no projeto sudeniano, “um vasto sopro de esperança” que varreu a região.

O habilidoso artifício da concepção da Sudene foi, sem dúvida, a criação de um órgão colegiado amplo, o Conselho Deliberativo, em que tinham assento os nove governadores da região, tendo seus votos o mesmo peso, independentemente do tamanho de cada estado. Analisa o professor Ricardo Ismael:

6. *Celso Furtado, um retrato intelectual*, de Carlos Mallorquín, 2005, Xamã, São Paulo, Contraponto, Rio de Janeiro.

7. “Theoretical misrecognitions as the source of development theory *déjà vu*”, de Carlos Mallorquín, apresentado na conferência anual da EAEPE sobre “Labour, institutions and growth in a global knowledge based economy”, Roma, nov. 2008.

A função articuladora da Sudene não ficava limitada à mediação dos conflitos governamentais. A instituição regional procurava também defender uma ação conjunta dos estados do Nordeste, como um elemento fundamental para redefinir as relações de poder na federação brasileira. Conquistar o apoio dos poderes Executivo e Legislativo na esfera federal em relação ao desenvolvimento da região exigiria, entre outras coisas, mobilizar os governadores nordestinos e convencê-los a não atuarem isoladamente.⁸

Como mostra o instrutivo ensaio do cientista político Marcos Costa Lima, sobre as reuniões do Conselho Deliberativo de 1959 a 1964, o objetivo de pensar o Nordeste como instância regional, conforme Celso propunha, esbarrou em não poucas dificuldades. A análise das atas é uma boa sùmula das realizações da Sudene, mas revela o outro lado da moeda, mais mesquinho: a tensão dos embates, desentendimentos, choques de vaidades entre os políticos locais, impedindo por vezes a concretização do planejamento regional.

“Tudo tivera de ser disputado palmo a palmo”, admitiu Celso no final de *A fantasia desfeita*, quando descreveu a retirada durante as primeiras horas do regime militar que o afastou da Sudene e casou seus direitos políticos. Nesse relato autobiográfico, a recorrência de termos como retirada, operação, comando, estratégia não deixa dúvida de que, em muitos momentos, se tratou de uma batalha. A Sudene enfrentou resistências de toda ordem, a começar pelas das elites nordestinas temerosas da perda de privilégios. Os ataques pessoais a Celso foram num crescendo que impressiona quem passa em revista os jornais da época.

Em seus primórdios, a Operação Nordeste contou com o apoio do influente *Correio da Manhã*, do Rio de Janeiro, e também do *Estado de S. Paulo*. Na véspera do lançamento, um editorial do matutino carioca dizia:

[A Operação Nordeste] tem um mérito inicial: retira o Nordeste da faixa dos “planos assistenciais”, únicos que a região conhecia como manifestação do interesse do governo federal pelo seu des-

8. *Nordeste, a força da diferença: os impasses e desafios na cooperação regional*, de Ricardo Ismael, 2005, Recife, Editora Massangana.

tino. Terminou a fase do combate contra a seca e passou-se a um novo estágio: o da criação de uma economia resistente à pobreza e à seca. [...] O plano de desenvolvimento econômico do Nordeste, inspirado numa análise lúcida e realista dos problemas econômicos da região, apresenta diretrizes gerais que podem importar na integração efetiva dos nordestinos no progresso do Brasil. [...] Esta expectativa e esse esforço não podem ser perdidos.⁹

O jornal publicou uma série de reportagens que marcaram época, escritas pelo grande jornalista e escritor Antonio Callado, sobre as condições subumanas do Nordeste. Fugindo a seu formato gráfico tradicional, abriu, na edição de 13 de janeiro de 1959, oito colunas da primeira página para uma entrevista com Celso. No lide:

Estão se criando duas nações dentro de nossas fronteiras. Se não é fácil, é perfeitamente possível soldar essas duas regiões num só país mais rico e mais justo. É com alegria que vemos esta antiga posição do *Correio da Manhã* tomando agora a forma de um enérgico plano de ação do Grupo de Trabalho para o Desenvolvimento do Nordeste.¹⁰

Semanas depois, era a vez de Gilberto Freyre dar sua opinião. Só acreditaria na Operação Nordeste “se ela considerar os problemas regionais na sua interdependência e se for executada, em certos setores, pelo Exército ou pelo conjunto das forças armadas, cuja identificação com as melhores tradições democráticas do Brasil velho salientando há anos”. Mas dava-lhe um crédito de confiança:

Se à frente da Operação se conservar um homem como Celso Furtado não haverá perigo desse esforço federal no Nordeste se transformar em simples manobra eleitoralista. Se o comando passar às mãos de um político comprometido com a próxima campanha e que se apoie em políticos igualmente eleitoralistas, a causa da reabilitação do Nordeste, em vez de ganhar, perderá imensamente. Estas palavras são menos acacias do que parecem.¹¹

9. “O Nordeste a sério”, *Correio da Manhã*, 16 fev. 1959.

10. *Correio da Manhã*, 13 jan. 1959.

11. “Exército não pode ficar alheio à Operação Nordeste”, entrevista com Gilberto Freyre, *Última Hora*, 6 mar. 1959.

À medida que Celso foi enfrentando os interesses dos latifúndios, do açúcar, o manejo de verbas, a distribuição de favores, o uso de bens públicos para fins privados, o firmamento foi se anuviando. Em fins de 1961,

[...] atinge um de seus pontos de mais alta tensão a execução dos planos da Sudene no Nordeste. É que o órgão dirigido por Celso Furtado resolveu atacar na ordem prática uma das maiores chagas da região, causa destacada de muitos de seus maiores males: a estrutura agrária obsoleta, antieconômica e desumana. Por esse motivo [...] intensificou-se a pressão contra a atuação da Sudene e, em especial, contra o homem que personifica o espírito de redenção da região – Celso Furtado.¹²

As pressões recrudesciam, agora para se obter o afastamento dele ou uma considerável redução de seus poderes, que deveriam ser mais “consultivos”, enquanto os executivos caberiam a alguém mais dócil aos interesses contrariados. Essas pressões se frustraram, pois a Operação Nordeste foi lançada por Juscelino Kubitschek, e Celso foi mantido na Sudene pelos dois presidentes seguintes, Jânio Quadros e João Goulart. Os governos passavam mas o “perigo nordestino” era um desafio permanente:

O sr. Celso Furtado, nesse ano de atividade como diretor executivo do Codeno, desenvolveu tão intenso e irrepreensível trabalho que conseguiu o apoio de todos os governadores nordestinos e de setores importantes das forças vivas da nação. O Exército é um desses setores. Mas, talvez mais importante que tudo isso é a sua popularidade no Nordeste, senão no Brasil inteiro. Foi talvez a pessoa que maior número de orações de paraninfo teve que pronunciar neste fim de ano. Seu nome tornou-se uma espécie de paradigma de competência e honestidade. E sua ação fecunda inspirou confiança em todos os setores.¹³

No Congresso continuava a resistência nem sempre passiva. A Lei da Sudene, encaminhada em fevereiro de 1959, arrastou-se de comissão em comissão e só foi aprovada em dezembro. O primeiro

12. “À beira da salvação”, *Visão*, 1 dez. 1961.

13. “O Nordeste vai ter um ‘governador-geral’”, *Política e Negócios*, 18 jan. 1960.

plano diretor, enviado ao Congresso em maio de 1960, só teve aprovação em dezembro de 1961. O *Correio da Manhã* voltava à carga:

Desde tempos imemoriais todos os governos do Brasil têm socorrido o Nordeste: mas esperam uma calamidade. Então, sem plano e sem rumo, com uma generosidade inútil, enterram ali as economias da nação inteira. Existe agora um plano lógico e concatenado de obras que pode transformar a face do Nordeste. O plano diretor da Sudene não é um programa de socorro, como tantos outros do passado em que o dinheiro da União derreteu-se como sorvete no Polígono dos tempos da seca. É um investimento para criar formas novas de vida.¹⁴

No meio da batalha surgia um fantasma batido e crônico da política brasileira da época, e mesmo muito depois: o do comunismo. O encontro de Celso com o presidente John Kennedy, em 14 de julho de 1961, na Casa Branca — quando expôs os planos para o Nordeste —, aparentemente desfez a intriga de que ele era comunista, marxista, leninista etc. etc. Mas foi questão de tempo. Porta-voz da artilharia, o senador paraibano Argemiro de Figueiredo ajustou o foco: a Sudene “pode fazer despesas sem discriminação específica. Essa faculdade discricionária está nas mãos vermelhas do senhor Celso Furtado.”¹⁵ Disparou:

Assim prossegue a dança fatal sobre o abismo! Se a missão do sr. Celso Furtado é promover a rebelião das massas camponesas, levar os nordestinos ao desespero, semear a fome na região, comunizar o Nordeste e o Brasil, rendamos homenagens ao grande artista que soube hipnotizar dois governos.¹⁶

E concluiu: “Deus sabe se as mãos assalariadas pela Sudene estão empunhando a foice e o martelo dos russos ou os instrumentos que servem ao progresso do povo.”¹⁷

O prestigiado economista Eugênio Gudín também teve o que dizer quando se tratou do projeto de reforma agrária:

14. *Correio da Manhã*, editorial, maio 1961.

15. “A Sudene e sua estruturação administrativa”, Argemiro de Figueiredo, *O Jornal*, 1 fev. 1963.

16. “Ainda as barragens”, Argemiro de Figueiredo, *O Jornal*, 5 fev. 1963.

17. “Estruturação criminosa”, Argemiro de Figueiredo, *O Jornal*, 2 fev. 1963.

Furtado refere-se à necessidade de “caminharmos com audácia para modificações constitucionais que permitam realizar a reforma agrária”. Não vejo por que seja necessário reformar a Constituição para realizar a reforma agrária, salvo se é para permitir o pagamento das propriedades desapropriadas com farrapos de papel, isto é, títulos governamentais de juro baixo e longo prazo.¹⁸

Assis Chateaubriand, o magnata dos Diários Associados, ecoava a campanha. Certa vez chamara Celso de “Antonio Conselheiro de fraque”, o que poderia ser visto como elogio à sua capacidade de convencimento. Agora, retomava a contundência dos ataques: “Há três anos, no Nordeste, o dr. Furtado não faz outra coisa senão sabotar os programas norte-americanos que se propõem a nos arranjar do subdesenvolvimento”.¹⁹

E ainda:

Essa Aliança [para o Progresso] não pode ser instrumento de avanço para o progresso do Brasil enquanto a economia brasileira estiver nas mãos do dr. Celso Furtado, porque ele é um tipo de comunista chinês que não quer entendimento com o Ocidente. Se fosse possível trazê-lo até Kruchev ainda havia esperança de um diálogo com a Casa Branca. Mas Furtado é da espécie asiática.²⁰

Tudo isso seria bala de festim se não tivesse vindo à tona uma ficha ideológica de Celso, que circulou amplamente pelas mãos dos “interesses contrariados”, e que na verdade — fomos descobrir em 2001, quando fizemos uma visita ao Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro — nada mais era do que a repetição *ad nauseam* de uma ficha do Departamento de Ordem Política e Social (DOPS) da antiga capital federal: umas poucas informações corretas num emaranhado de sandices sobre a “figura prontuariada nesta Divisão como elemento comunista”, de “transcendente importância para o partido dado o seu elevado nível de cultura”. No canto superior da primeira página da ficha, sublinhado com lápis vermelho, uma “Nota: *Será que V. Exa. vai deixar este homem na Sudene, para facili-*

18. “O problema do Nordeste – II”, Eugênio Gudín, *O Globo*, 2 fev. 1962.

19. “Os consertadores da panela furada”, Assis Chateaubriand, *O Jornal*, 13 fev. 1963.

20. Assis Chateaubriand, *O Cruzeiro*, 5 jan. 1963.

tar a infiltração COMUNISTA no Nordeste?”. O rol das “acusações”²¹ ia da presença de Celso na instalação do Kominform, na Iugoslávia, à sua suposta atuação como dirigente da “célula comunista que funcionava no palácio do governo do estado do Rio de Janeiro”, sendo o absurdo maior a afirmação de que ele voltara da Europa para Brasil em 1948 por um “meio de transporte desconhecido” — como se outros houvesse além do navio ou do avião.

No exterior o quadro era outro. Uma conjunção de fatores, como a recente revolução em Cuba e a crise dos mísseis, a visibilidade das Ligas Camponesas, o fato de Celso ter trabalhado quase dez anos como economista das Nações Unidas e circulado muito pela América Latina, mas, sobretudo, a credibilidade do projeto da Sudene, levou a agência a cruzar fronteiras e ganhar surpreendente repercussão internacional. Já em abril de 1959, a revista *Time* publicava reportagem sobre o lançamento da Operação Nordeste no Recife, lembrando que a promessa de JK na seca do ano anterior — “Ajuda sem limite, uma verdadeira operação de guerra” — era cumprida tendo à frente “Celso Furtado, 38 anos, nascido no Nordeste, educado na Sorbonne e em Cambridge, e que soube isolar o problema da seca”.²²

Na correspondência de Celso encontram-se dezenas de cartas de técnicos de agências internacionais querendo conhecer as experiências da Sudene, de pesquisadores e estudantes dispendo-se a ir trabalhar no órgão, de políticos que estiveram com ele no Recife, como Edward Kennedy, Henry Kissinger, George McGovern, Arthur Schlesinger. E também de jornalistas que visitaram os projetos da Sudene, como Joseph Page, que escreveu o livro *The Revolution that Never Was*, Ralph Nader, autor de reportagens para o *Christian Science Monitor*, Hubert Beuve-Méry, que publicou uma série de artigos no *Le Monde*.

Alguns enviados especiais americanos opunham Francisco Julião a Celso:

21. Denúncia. Ministério da Justiça e Negócios Interiores, Departamento Federal de Segurança Pública, confidencial. Rio de Janeiro, 27 out. 1959. Arquivo pessoal.

22. “Brazil: Operation Northeast”, *Time*, 4 maio 1959.

Um é admirador devoto de Fidel Castro. Organizou a grande população camponesa da região nas potencialmente explosivas Ligas Camponesas que pedem melhores condições de vida e ameaçam com uma violenta revolução. Outro, um brilhante economista, teve trânsito livre do governo para implementar um plano de desenvolvimento que, ele espera, trará os mesmos efeitos pacificamente. Ele está numa corrida contra o tempo, Celso Furtado, 41, chefe da Sudene.²³

E ainda:

Ou o amigo de Fidel Castro, Francisco Julião, liderará suas Ligas camponesas para lançar a rebelião, ou o dr. Celso Furtado, chefe da Sudene, impulsionará uma revolução legal por meio de reformas estruturais fundamentais.²⁴

Sem dúvida foi o francês Beuve-Méry, diretor do *Le Monde*, que, menos contaminado pelo linguajar da guerra fria, deixou um testemunho mais fiel da batalha da Sudene:

Com ele [Celso Furtado] pude visitar plantações no estado de Pernambuco, assistir no domingo à reunião de um desses sindicatos rurais que, sob a direção do clero, costumam se substituir às Ligas Camponesas lançadas pelo advogado Julião, discípulo e êmulo de Fidel Castro. Sem demagogia nem paternalismo, com uma surpreendente exatidão de tom, o orador expunha, diante de todos aqueles rostos tensos, aqueles olhares febrilmente cravados nele, o sentido e as modalidades das reformas projetadas. Podia também falar das primeiras realizações. [...] Remédios irrisórios diante da urgência e da imensidão das necessidades? Certamente, e a Sudene não se engana, mas desde agora sua ação faz brilhar uma esperança, deixa entrever uma saída.²⁵

23. "If this is communism we need more of it", Charles Keely, *The Washington Daily News*, 12 mar. 1962.

24. "Brazil's Northeast: explosive as Cuba", Willem Brugsma, *The Washington Post*, 12 ago. 1962.

25. "Conquête et révolution", de Sirius [pseudônimo de Hubert Beuve-Méry], *Le Monde*, 25 jul. 1963.

Em março de 2004, Celso comentaria o dano que o golpe militar desfechado quarenta anos antes causara ao Nordeste, ao interromper o projeto pelo qual tanto se empenhara:

O movimento de 1964 passou despercebido em várias partes do país. Foi um golpe a mais, mesmo em São Paulo. Houve atendimento de certos interesses econômicos e a região se acomodou. O Nordeste foi surpreendido com uma política em andamento, um movimento social, o das Ligas Camponesas, da Sudene, e da própria Igreja Católica que apontavam para outra direção. Tudo isso foi destruído. No Nordeste, região do país que havia acumulado maior atraso social, as consequências do golpe foram mais graves, a repressão exercida acabou com tudo.²⁶

26. Entrevista a Reali Júnior, *Estado de S. Paulo*, 4 abr. 2004.